



ECOS E DISSONÂNCIAS NO (DIS)CURSO SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19: O POÉTICO E O GROTESCO NA RELAÇÃO COM O DIGITAL

Marco Antonio Almeida Ruiz*

 <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

Ligia Mara Boin Menossi de Araújo**

 <https://orcid.org/0000-0003-2047-3019>

Como citar este artigo: RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M. de. Ecos e dissonâncias no (dis)curso sobre a pandemia da Covid-19: o poético e o grotesco na relação com o digital. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/ELETL16396>.

Submissão: 18 de agosto de 2023. **Aceite:** 27 de setembro de 2023.

Resumo: Este artigo examina o impacto das redes sociais na construção de sentidos em torno da pandemia de Covid-19 no Brasil, em 2020 e 2021. Mais especificamente, nosso objetivo é analisar o memorial virtual @museudoisolamento no Instagram, observando na sua emergência as formas de ressignificações da morte e do luto geradas diante de um contexto de instabilidade e crise política brasileira. Por meio da análise do discurso francesa, buscamos compreender como esse memorial se transformou em um evento linguístico significativo, o qual trouxe novos sentidos de singularidade, dando voz, corpo e sentido aos enlutados, ao contrário das estatísticas frias e dos números oficiais.

Palavras-chave: Discurso. Digital. Memorial. Pandemia. Instagram.

* Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. E-mail: marcoalmeidarui@gmail.com

** Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. E-mail: ligiamenossi@gmail.com

PRIMEIRAS PALAVRAS: UM “GRITO” DE RE(x)ISTÊNCIA

■ **A** pandemia da Covid-19 atingiu milhares de pessoas em todo o mundo, causou milhares de mortes e ressignificou o luto de muitas famílias que se despediram de seus entes queridos de maneira repentina e terrível diante de um vírus aparentemente desconhecido, mas totalmente letal. Os corpos eram colocados em sacos pretos identificados, e, devido à grande quantidade de óbitos por dia, foi preciso refrigerá-los em frigoríficos montados ao lado de hospitais, um verdadeiro cenário de guerra e horror que era televisionado diariamente nas grandes mídias nacionais.

Nesse contexto, a morte e o luto foram ressignificados em razão da alta disseminação do vírus, ceifando a vida de mais de 712 mil brasileiros¹. Tal cenário de crise mudou radicalmente o estilo de vida e transformou a sociedade. No âmbito social, por um lado, precisamos aprender novos hábitos de higiene pessoal, assim como isolarmo-nos de nossos amores como forma de proteção e saúde, um gesto bastante difícil, mas totalmente necessário para evitarmos a rápida contaminação e mortes; em relação à economia, por outro, vimos brasileiros e brasileiras perdendo seus empregos, lojas e diversos comércios fecharem suas portas, e, conseqüentemente, o mercado financeiro ser impactado, aumentando a pobreza (que já não era pouca no Brasil) e dificultando o acesso a alimentos e produtos básicos para a sobrevivência. Vivemos, assim, em 2020, um verdadeiro caos sanitário que deixará marcas profundas e enraizadas em todas as esferas sociais.

A tragédia foi ainda maior porque, se tomarmos a esfera política, não podemos deixar de destacar, infelizmente, a negligência do ex-chefe de Estado com as medidas de proteção à população. Indo na contramão de todos os órgãos científicos, das associações e da própria Organização Mundial da Saúde, Jair Bolsonaro contrariou as medidas de proteção por meio de sua posição negacionista. Negou a doença e ironizou as mortes em vários momentos de picos, nos dias em que as mortes somadas passavam de quatro mil pessoas.

Diante de tais fatos, restava-nos a seguinte questão: “Como lidar com tanta falta de respeito e cuidado daqueles que supostamente foram colocados ali por nós e deveriam proteger-nos ou, minimamente, fornecer-nos informações básicas para garantir nossa proteção?”. O *modus operandi* político que se arrastou no Brasil após a doença tornou-se comum na figura do ex-representante do Executivo. Em virtude do negacionismo do vírus e da presença dessa doença, criaram-se também, como resultado, certos conflitos sociais: de um lado, negacionistas que não acreditavam nas medidas de proteção, culpabilizando prefeitos e governadores como os responsáveis pelo aumento da pobreza e pela falta de recursos para a economia, e, de outro, cientistas e associações científicas defendendo a vida e o isolamento social como formas preventivas contra a propagação do vírus no país.

No campo das artes, objeto ao qual nos dedicaremos neste trabalho, vimos acontecer a emergência de perfis em redes sociais que ironizavam as (a falta de) ações do governo, dando mais cor, esperança e um breve suspiro diante de tantos momentos de horror de nossa história. O perfil do *Museu do Isolamento* surgiu

1 Dados coletados até 2 de agosto de 2024. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 2 ago. 2024.

como forma de re(x)istir ao horror da morte, ao negacionismo, em que apenas as estatísticas frias apareciam para descrever o número de casos de mortes e contaminados. Aos vetores gélidos divulgados como forma de contabilizar os mortos, observávamos a retomada da subjetividade dos entes queridos, amores de alguém, trazidos novamente para o escopo da discussão, representando todo o seu papel e sua representatividade para seus familiares e sua comunidade, de que não era apenas mais um número.

Em tal espaço discursivo, considerado como um memorial virtual, encontramos uma visibilidade que clama aos governantes a importância da vida e da existência de todos, vitimados por uma doença grave e letal, e a resistência de que precisávamos diante dos horrores daquele momento tenebroso, em que não havia políticas públicas adequadas e eficientes ou o mínimo de incentivo aos cuidados de si e do outro. É por essa razão que propomos tratar esse período de nossa história como um modo de re(x)istir dos brasileiros e brasileiras discursivizados tanto pelo político quanto pelo poético, desconstruindo esse processo de normat(l)ização do discurso oficializado e instaurando um gesto de solidariedade e singularidade em meio a tanta tristeza em nossos corações. Em outras palavras, esse memorial, assim como outros que foram surgindo à época, constituiu um novo espaço de memória que singulariza os sujeitos mortos pela Covid-19, atribuindo-lhes subjetividade, pessoalidade e empatia.

Empreenderemos uma leitura discursiva acerca desse perfil na época de 2020 e 2021, do Museu do Isolamento (@museudoisolamento), na rede social Instagram². Mais especificamente, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso de matriz francesa, faremos um exercício de análise de algumas postagens realizadas na época mais crítica da pandemia no Brasil como forma de compreendermos os gestos de re(x)istência promovidos por esse material. Nosso objetivo é verificar como tais produções artísticas, verbais, verbo-visuais e multimodais podem representar acontecimentos discursivos bastante distintos da história contada por discursos oficiais durante um governo que tinha como prioridade uma política de morte, de total despreparo e negacionista num dos cenários mais críticos em nosso país.

DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E EMERGÊNCIA DA COVID-19: MEMÓRIA E ACONTECIMENTO EM (DIS)CURSO

Ao tratarmos a pandemia da Covid-19 na perspectiva discursiva, em especial ao observarmos os efeitos de sentidos criados no/pelo digital, queremos pensar as ressignificações que esse acontecimento na história trouxe para as novas redes de filiações e circulação de discursos que (des)aparecem em distintas formas, resistindo ao horror da morte e promovendo novos gestos de circulação a partir de diferentes materialidades. Em outras palavras, voltamos às questões de memória social reinventada por meio dos diferentes acontecimentos discursivos promovidos pelas redes como forma de (re)produzir novas instâncias de discursos que ressignificam o horror dos números e dos casos da doença, e os (re)contam sob o ponto de vista da resistência.

2 É importante destacar que, atualmente, a página virtual do museu se reconfigurou e assumiu outro nome: @museu.do.agora. Além disso, o perfil não perdeu suas características iniciais, isto é, trata-se de um memorial que toma a arte do cotidiano, destacando diferentes temáticas e objetos da ordem "comum", como forma de ressignificar os discursos dominantes, colocando-se por meio da luta e da resistência como mecanismos importantes ditos pela linguagem da arte. Disponível em: <https://www.instagram.com/museu.do.agora/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Com efeito, de uma memória cristalizada sobre a contabilidade dos números em casos de doenças, vimos tais memoriais virtuais trazerem uma nova instância de discurso, ressignificando a tragédia das mortes por meio da arte e, com isso, criando um efeito singular e desnaturalizado de tratar os entes queridos como sujeitos e não como simplesmente dados estatísticos. De modo geral, propomos analisar a passagem das estatísticas registradas pelo discurso oficial (ou do senso comum e/ou do negacionismo), em que os mortos “perdem” a identidade, para a sua (res)significação nos memoriais virtuais, que emergem durante esse momento de grave crise de saúde pública. Logo, significa dar voz, corpo e sentido aos mortos e enlutados, identificando-os como cidadãos brasileiros e cidadãs brasileiras, amores de alguém, que perderam a vida na luta contra o vírus.

Para tratarmos dessas ressignificações da memória social, isto é, as novas inscrições de sentidos criadas a partir dos movimentos no/pelo digital, é preciso voltarmos nossos olhos à noção de condições de produção. Nesse sentido, tal noção é um dos conceitos basilares na análise do discurso, em que vemos constantemente o jogo de forças e relações constituintes resultantes desse processo discursivo. É por meio delas e da realização do processo discursivo em três níveis que podemos dizer que há uma (re)atualização da memória do morrer na pandemia, tais como: a constituição, a formulação e a circulação (Orlandi, 2002).

Conforme Orlandi (2002), a constituição do dizer é estabelecida por meio de uma memória do dizer na qual se marcam discursivamente os efeitos de sentidos relativamente estabilizados, advindos de pré-construídos e discursos outros já ditos; em relação à formulação, ela efetivamente acontece a partir do momento em que as condições de produção desses dizeres se ligam, direta ou indiretamente, às circunstâncias da enunciação. Em nossa empreitada, a morte que era apenas números torna-se histórias de vida, que não se perderam mesmo diante do descaso e da omissão dos discursos oficiais. Contudo, a transformação da memória acontece apenas no nível da circulação, pois há uma atualização, fazendo intervir os sujeitos e o jogo de sentidos como resultado da ressignificação de uma atualidade e uma memória com base nas condições de emergência de discursos que refletem cada tempo e cada formação social. A autora ressalta ainda a importância desses três níveis discursivos como um processo, em que

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos (Orlandi, 2002, p. 33).

Logo, quando praticamos o exercício de análise acerca da memória, encontramos algo que é muito mais complexo, que foge das dimensões cronológica e psicologizante, e adquire “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 2010, p. 50). Ou seja, “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância” (Pêcheux, 2010, p. 25). No nosso caso, tratamos de pensar a memória como uma atualização de um acontecimento histórico, isto é, de como a pandemia da Covid-19 no Brasil trouxe profundas mudanças em relação aos modos de relacionamento entre os seres e criou práticas que ressignificam (re)pensar a morte e o luto por meio de certos perfis em redes sociais, como os memoriais

virtuais. Esses materiais tornam-se sinônimos de novos acontecimentos discursivos que (re)contam a memória do luto já cristalizada na sociedade. Das cerimônias de corpo presente aos sacos escuros lacrados, vemos uma nova instância que produz novas memórias diante de práticas urgentes surgidas diante desse acontecimento histórico representado pela Covid-19.

Pensar o digital e alguns dos perfis que fogem a essa regularidade enunciativa sobre a morte e o luto, em especial observando as (res)significações que tais materialidades promovem com o jogo de resistência contra os discursos oficiais e negacionistas, faz com que compreendamos as novas redes de filiações e circulação de discursos que aparecem em distintos lugares de circulação, compondo essa formulação. Dizer algo numa certa instância discursiva é buscar na história traços de sentidos deixados nas linhas do tempo, revisitando posicionamentos que se colocam em disputa nas lides do contemporâneo.

Em virtude disso, em nosso caso, por exemplo, analisamos a inscrição da memória, e sua respectiva regularização, no perfil @museudoisolamento no Instagram, e como, por meio do acontecimento histórico que irrompe – a pandemia da Covid-19 –, vemos acontecimentos discursivos que resistem ao horror da morte retratada pelos números, pelos dados frios e pelas porcentagens que não singularizam os sujeitos e os colocam fora dessas práticas sociais.

Uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, e de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (Pêcheux, 2010, p. 56).

Diante de tais questões, “uma imagem seria um operador de memória social”, já que, quando a observamos, somos tocados pelo efeito da repetição, da regularidade, de um discurso já dito sob outras condições de produções, porém, no que diz a respeito à sua leitura, ela pode ser ressignificada. Ou seja, ao retomarem por meio da imagem momentos da pandemia, da necessidade do isolamento, observamos tais acontecimentos discursivos recolocarem na história novos sentidos que fogem a essa memória social previamente cristalizada e ressignificarem-na com sentidos de resistência. Nesse caminho, não é apenas retomar o acontecimento da história em acontecimentos discursivos (re)ditos, mas é instaurar novas instâncias de discursos que se contrapõem a todo posicionamento já estabilizado, de uma memória da morte e dos rituais fúnebres como conhecíamos antes da doença e como foi tratado durante os meses mais críticos no país. Logo, tratar a memória é recolocá-la por meio de uma certa marca social, política e ideológica na sociedade, em que “nenhuma memória pode ser um frasco sem um exterior” (Pêcheux, 2010, p. 54). A memória é

[...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 2010, p. 52).

Diferentemente de certas “lembranças pessoais”, numa ordem cronológica, a memória discursiva configura-se numa esfera social e coletiva. Na esteira de seu pensamento, Pêcheux (2010, p. 50) afirma que “a memória deve ser entendida

não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas”. Logo, segundo o autor, ela torna-se um espaço de retomadas de discursos já ditos anteriormente, entretanto não devemos reduzi-la a apenas isso, pois é, ainda, balizadora de um embate de forças ideológicas que busca restabelecer os implícitos e as forças antagônicas que são responsáveis por desregular o discurso já dito por meio do que Pêcheux chamou de efeitos de paráfrase. Em outras palavras, há um embate entre as redes de memória e o acontecimento discursivo: de um lado, uma força que tenta estabilizar os implícitos – memória – e, de outro, a que insiste na desregulação do pré-construído – o acontecimento. Em virtude disso, em sua obra, Pêcheux (2010, p. 54) propõe pensarmos na não evidência da materialidade discursiva, buscando, desse modo, uma reflexão em torno dos efeitos que emergem dela; trata-se, pois, de “buscar a princípio e antes de tudo sua significação ou suas condições implícitas de interpretação”.

Assim, quando afirma salientar as filiações (memória), por um lado, e o deslocamento, por outro, o filósofo francês parece preocupado em analisar o processo de circulação discursiva em grande escala com o objetivo de colher os diversos efeitos de sentidos gerados, em contraponto ao que é logicamente estabilizado. Esse acontecimento, marcado pela pandemia, permitiu que outros fatores se sobressaíssem, gerando novas instâncias de memórias discursivas, como: 1. a ressignificação da morte e do luto; 2. a ciência na corrida contra o tempo na busca de uma vacina ou da cura para essa enfermidade grave; e 3. a emergência de movimentos políticos e poéticos que ressaltam as mazelas e as dificuldades dos países na luta contra o vírus.

MEMÓRIA E ACONTECIMENTO DO VÍRUS: ALGUNS GESTOS DE ANÁLISE SOBRE A PANDEMIA NO BRASIL

Ao longo dos últimos anos, podemos dizer que vivemos um verdadeiro “pandemônio” marcado, por um lado, pela crise política e, por outro, pela crise sanitária em razão do descaso do então governo federal e do ex-chefe de Estado no combate à doença e na compra de vacinas. Os números de mortes, no auge da pandemia (2020-2021) em nosso país, alcançaram médias diárias de quatro mil (Satie, 2021) – de abril a junho de 2021 –, naturalizados por meio de vetores e gráficos sombrios e gélidos que silenciaram cada sujeito, cada particularidade e cada amor de alguém que não teve a chance de se vacinar a tempo. Se as vacinas, as políticas públicas e os métodos de proteção à vida tivessem sido administrados e criados a tempo, não teríamos essa grande parcela de mortes em nossa história. Além disso, o impedimento do ritual fúnebre, com direito ao velório com o corpo presente e ao enterro, e a impossibilidade de se aproximar dos locais devido ao alto grau de contágio agudizavam ainda mais a dor dos que ficam.

Contra a frieza das estatísticas surgiram discursos contrários como forma de resistir ao horror da morte e à política de morte instaurada no Brasil. Vimos, por meio do digital, emergirem discursos em diferentes perfis de redes sociais que pregavam a singularização da vida de cada sujeito que morreu em decorrência do vírus, não os objetivando por simples vetores matemáticos, mas como uma forma de subjetivá-los, singularizá-los como amores, dando sentido a eles. Esse deslocamento, que ressignifica também a nossa própria definição do que é

o morrer e o luto na/pela história, possibilitou criarmos um sentido de proximidade com as famílias enlutadas como uma forma de acolhê-las diante dessa tragédia nacional.

Como resultado dessa nossa investigação, selecionamos alguns recortes do perfil @museudoisolamento, no Instagram, como maneira de observar os usos da arte como resistência ao horror da morte e do luto, singularizando a vida e dando valor a ela. Vejamos:



Figura 1 – Arte de Maisa Caroline, de 6 de outubro de 2020

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGBGxVVHA2m/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Como podemos observar na Figura 1, muito além de compreendermos as transformações sociais que a Covid-19 nos impôs nos últimos anos, é necessário (re)pensarmos também na própria (res)significação de conceitos já estabilizados em nossa sociedade, como o verbete “museu”. Conforme o dicionário *on-line* Priberam³, o verbete traz como mote central a classificação física de um “lugar” responsável pela reunião de “curiosidades de qualquer espécie ou exemplares científicos, artísticos” ou como um “lugar destinado ao estudo das ciências e das artes”. Se retomarmos esse fato regular nas duas acepções, podemos, então, partir para uma primeira questão que se (im)põe após a pandemia da Covid-19: como visitar um lugar físico se todos nós precisávamos nos isolar?

Diante da problemática, uma forma de (res)significar a arte em momento de grave crise sanitária foi por meio da “tecnologização dos discursos”, em que o digital promove(u) um deslocamento da memória em relação à definição cristalizada sobre o “museu” enquanto um espaço ou lugar de exposição para um perfil que se cria pelo/no virtual. Conforme Paveau (2021), podemos pensar numa ecologia⁴ do discurso que é disposta nas redes cujo objetivo é entrelaçar a materialidade discursiva e a imagem acompanhadas de diferentes elementos clicáveis,

³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/museu>. Acesso em: 11 jul. 2023.

⁴ Esse conceito é trazido por Marie-Anne Paveau (2021) na tradução brasileira da obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. De acordo com Paveau (2021, p. 159), “essa perspectiva teórica está assentada na ideia de que os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria linguageira, mas sim como compositos, que integram o linguageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético etc.”. Ou seja, analisar a ecologia do discurso, na perspectiva da autora, é também considerar os elementos linguageiros na relação com todo o ambiente de emergência nos quais eles aparecem e se inscrevem.

as quais, com os *posts* desses diversos “espaços” digitais, permitem que os sujeitos se projetem no virtual formando uma tríade: homem, discurso e máquina.

Marie-Anne Paveau (2021), em suas reflexões acerca das novas materialidades digitais, mostra-nos que é preciso pensar a língua com o técnico e, diante disso, propõe voltarmos nossos olhos a certos discursos que são nativos desse meio, o que ela chama de tecnodiscursos. Nesse material compósito, encontramos diferentes materialidades linguísticas e discursivas que integram a rede social Instagram (entre outras) e são próprias desses ambientes, tais como: *posts* com imagens e fotografias, montagens de diferentes ordens e *reels* (vídeos curtos) com a possibilidade de receberem curtidas, comentários e até de serem compartilhados.

Ao contrário do que podemos ver nas acepções de dicionários ou enciclopédias, a partir dessa ressignificação instaurada pelo acontecimento do vírus da Covid-19, observamos uma redefinição desse lugar que era do passado para visitar o presente. Em *Museu vive de presente*, no caso da Figura 1, vemos como esse perfil atua na singularização do presente, ressignificando o passado com o acontecimento da pandemia, uma vez que esse perfil (assim como outros) surgiu no auge da pandemia, em 2020.

Ou seja, a partir dessa nova configuração social, precisamos olhar essas transformações sociais que nos levam a redefinir a nossa re(x)istência diante do caos e da negligência de um governo inescrupuloso. Esse gesto de análise não “apaga” o passado já conhecido, normatizado e normalizado; pelo contrário, ressignifica-o acerca das novas emergências discursivas a partir da crise sanitária no país. Ademais, ao fundo da Figura 1, podemos reconhecer uma imagem marcante que lembra traços do Universo e que se antes, sem pandemia e em um mundo “normalizado”, já não conhecíamos os limites do conhecimento e da razão, naquela situação contemporânea de “novo normal”, precisamos nos reinventar, pois o tal mundo “normal” ainda era pouco conhecido bem antes da ocorrência da pandemia.

O Museu do Isolamento configurou-se (e, ainda, configura-se) como um importante perfil de re(x)istência no/pelo virtual. Como encontramos na Figura 2, a página contém não só a apresentação do contexto da emergência do vírus, mas também expressa a vida pós-pandemia, dando voz, corpo e sentido às artes tidas “menos nobres” do cotidiano. Assim, passou a ser um “lugar” diferente daquele definido pelos dicionários, isto é, tornou-se um espaço de cultura e arte que resiste à pandemia e ao que chamamos anteriormente de “pandemônio”.

A frase em destaque na biografia do perfil⁵ – “Usamos arte para falar sobre isolamento” – retrata, mais uma vez, o deslocar-se do senso comum sobre a arte e a história, fazendo com que pensemos também enquanto re(x)istência. Com efeito, isolamento e arte não reproduzem as paráfrases da história, e com esse perfil vemos polissemias e ressignificações discursivas que deslocam o sentido comum da arte dos livros e grandes museus de história para outras materialidades que assumem novas formas de re(x)istir ao horror da pandemia, da morte e do luto.

5 Luiza Adas é a fundadora do perfil Museu do Isolamento, um dos primeiros museus *on-line* que surgiram na época da pandemia de Covid-19 no Brasil, em 2020; o espaço virtual reúne imagens do cotidiano feitas por quaisquer sujeitos em seus momentos de reclusão social. Vemos, com isso, uma forma de representar o ordinário da vida e os “normais” do dia a dia diante das crises sanitária e política, o “pandemônio” brasileiro. Hoje, após o momento crítico da doença no país, o museu se reinventou, atualizando seu nome – Museu do Agora –, todavia não deixou de trazer a arte como uma forma de expressão viva e resistente, dando visibilidade aos diversos “artistas comuns” em seus diferentes espaços sociais.

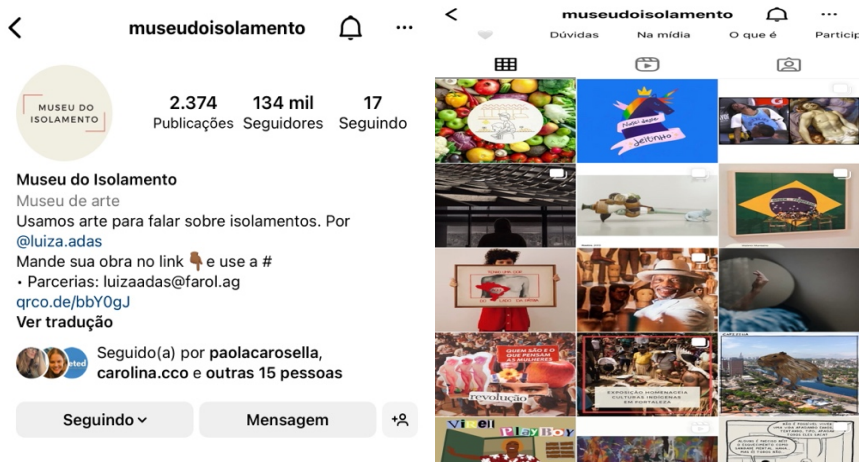


Figura 2 – Recortes do Instagram

Fonte: Disponível em: <https://instagram.com/museu.do.agora?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Os temas que fazem parte da vida cotidiana dos brasileiros e das brasileiras assumiram contornos importantes para a reescrita e (re)ε(x)istência em momentos não tão “normais” (ou será que fomos “normais” algum dia?). Ou seja, uma simples cadeira ou um quadro exposto, um sabonete nas mãos retomando pinturas famosas (Figura 3) e até hábitos novos impostos pela doença do coronavírus trazem a arte resistindo ao horror dos números, da morte e da negligência de uma cultura de morte nefasta que assola não só o Brasil, mas também tem adquirido contornos preocupantes em algumas partes do globo.



Figura 3 – Arte de Michel de Oliveira, de 4 de maio 2021

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COdrM-QLTaO/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 18 ago. 2023.

É possível lermos a imagem anterior a partir de uma desnaturalização do “normal” que ocorre por meio da arte exposta em contexto digital, imprimindo valores (res)significados em condições de produção distintas. O intertexto colocado pela imagem reforça o culto da história tradicional acerca da arte por meio da tradição, *A criação de Adão*, por exemplo, mas também instaura novos sentidos

diante do isolamento causado pela pandemia. Além disso, é possível observarmos traços de regularidades entre a obra de fato e a arte cotidiana representada na Figura 3. A pintura de Michelangelo é bastante representativa pela sua característica antiga da mudança significativa da história do mundo quando Deus cria o homem e, como consequência, dá origem à humanidade; na imagem recriada pelo memorial, vemos traços dessa antiguidade representada pelo azulejo antigo, pela saboneteira pouco usual nos dias de hoje, graças à modernidade dos objetivos e dos materiais utilizados nas construções. Assim, vemos algumas oposições que ressignificam o sentido quando atreladas ao digital: o antigo *versus* o contemporâneo, o velho *versus* o novo, por exemplo, ratificando esse deslocamento de sentidos que a própria materialidade compósita e digital redefina e rememorializa.

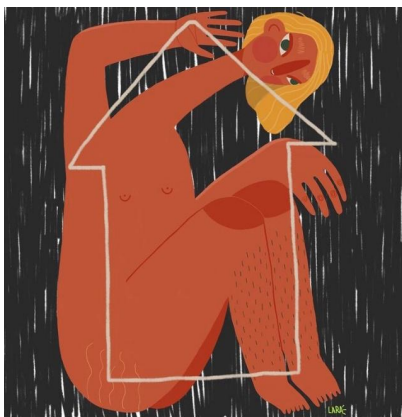


Figura 4 – Arte de Lara Nunes, de 15 de junho de 2020

Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBeD1akH7_V/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 18 ago. 2023.

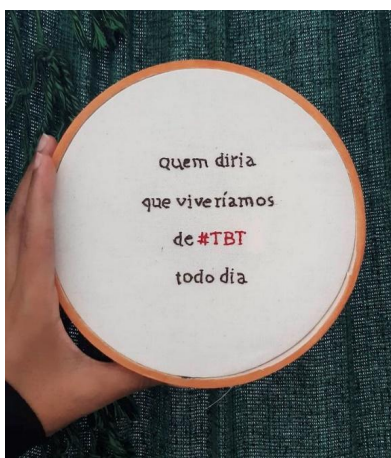


Figura 5 – Arte de Renata Cruz, de 9 de maio de 2020

Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_P51ingBk/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 18 ago. 2023.

Em outro recorte do perfil analisado, vemos, mais uma vez, a memória e o acontecimento instaurando novos sentidos a partir das instâncias de discursos da pandemia. Como pensar o sujeito, criativo e social, dentro de limites físicos de nossas residências? Como forma de controle da doença, os limites físicos máximos eram definidos pelas paredes de nossas casas que, às vezes, não conseguiam nos conter, pois o ser humano é parte da interação e resultado da história e do social. E diante da arte podemos dizer que o mesmo acontece, pois como podemos nos limitar em pequenos espaços diante da imensidão de nossa criatividade?

As memórias pelas figuras anteriores reinstauram novos sentidos em torno do que era “normal” e o que, agora, conhecemos como “novo normal”. A subjetividade retratada pelas figuras exalta a arte de poder expandir-se dos limites sem romper as barreiras físicas impostas pelo vírus. Com efeito, a arte, nesse novo redizer formulado pelo perfil, transforma o impossível em possível graças à criatividade do sujeito que encontra, mesmo diante da dor e da morte, caminhos de luta e re(x)istência. O mesmo acontece com a Figura 5, em que vemos o isolamento sendo tratado com uma expressão pouco usual no contemporâneo, mas bastante conhecido no mundo virtual: “#tbt”. A *hashtag*, composta pela cerquilha e pelo texto verbal, é a forma como podemos localizar rapidamente outros discursos já ditos e ressignificados no contexto virtual.

A expressão “tbt” (ou *Throwback Thursday*) retoma a história como um museu do passado ressignificado no presente. Diante da necessidade de isolamento e do distanciamento social, viver do passado tornou-se um ato corriqueiro na vida de todos durante a crise da pandemia no mundo. A forma como essa história é trazida no virtual extrapola o comum da língua e o acontecimento do vírus, e, com isso, desloca o sentido previamente estipulado pelo dicionário, o museu como um “lugar”.



Figura 6 – Arte de Vera Schueler Araripe, de 2 de dezembro de 2021

Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/CW_sarrMLiW/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==. Acesso em: 18 ago. 2023.

A “ordem” e o “progresso” deixam de ser o tema central da bandeira brasileira, causando um furo no discurso patriota do ex-presidente Bolsonaro, de modo a ressignificá-la a partir dessa nova realidade de crise nacional. Ou seja, diante dos fatos, não há mais nem ordem e nem progresso num país que estampa em sua bandeira a polarização extrema entre esquerda e direita política; o que há, de fato, é uma distopia criada com esse jogo de poder que nada contribui para a definição de nação brasileira; pelo contrário, se distancia da real situação de crise de saúde que o país enfrentava. Como consequência, na Figura 6 não é

mais possível encontrar as cores tradicionais desse símbolo; pelo contrário, observamos uma reconfiguração de sentidos trazidos pela arte que são desregulados e deslocados para esse novo acontecimento da pandemia, configurando o vermelho como uma marca da morte, de sangue, deixada pelo então governo que ironizou o vírus em todos os momentos de sua gestão.

Diante do branco que simboliza a paz, a bandeira em meio à crise carrega marcas de uma realidade utópica, um luto amargo e triste imposto por essa nova instância discursiva conservadora que deixa marcas profundas e dolorosas nas famílias por não poderem se despedir dos seus entes queridos, pela necessidade urgente e às pressas pelo enterro, a fim de não proliferar a disseminação da doença e, desse modo, causar mais óbitos. Trata-se de observar a construção dos efeitos gerados nesse memorial quando o morrer deixa de ser apenas um conjunto de cifras, dados estatísticos dispersos em gráficos, e o recoloca e o desloca para outras instâncias do dizer, singularizando o acontecimento e não deixando esquecer.

Conforme afirma Pêcheux (2010, p. 53), podemos dizer que haveria “um jogo de força na memória” que é tocado pelo choque do acontecimento. Ou seja, por um lado, estabelecer uma paráfrase construída por dizeres já cristalizados acerca do que é o morrer e o luto na história como implícitos, dissolvendo as mudanças e estabilizando a integração do acontecimento; por outro, esse jogo de força acaba causando uma “desregulação” da memória que promove romper com tais “implícitos”. Em outras palavras, se trouxermos para nosso cenário analítico, alinharemos nosso gesto de interpretação ao segundo ponto tocado pelo filósofo francês, em que, pelas publicações no/do virtual no perfil do Museu do Isolamento, há a desregulação da memória da “ordem” e do “progresso”, escapando os implícitos conhecidos da bandeira diante de um “normal” antes do “pandemônio” com um “novo normal” latente que se rompe com o novo acontecimento do vírus e, como consequência, gera ressignificações dos sentidos estabilizados a novos no processo formulativo.

Não queremos esgotar o assunto, tampouco nos limitarmos aos fatos já ditos; pelo contrário, nosso gesto interpretativo tem como função (re)construir as novas memórias sociais implementadas com essas transformações sociais, isto é, acontecimentos de linguagem que ressignificaram nossos modos de organização social a partir da re(x)istência promovida pelos efeitos gerados tanto pela arte quanto pelo digital. Compreendemos, assim, que tal memorial virtual retoma fatos da história e os reconta em instâncias discursivas contrárias às defendidas pelo ex-presidente Bolsonaro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossas reflexões, observamos como alguns perfis virtuais que surgiram ao longo da crise sanitária emergiram e (res)significaram os sentidos da morte e do luto na sociedade. Nosso objetivo, além de compreender tais irrupções pelas redes e nos/pelos discursos, foi também compreender esse novo cenário de constituição da arte em contexto de crise, trazendo novas reflexões que saem do ideal de senso comum, como sentido de representação artística, e abrangem outros limites de sentidos, modos de re(x)istir aos estigmas e aos conceitos cristalizados no imaginário social, em especial a morte e o luto.

A arte sempre encontrou maneiras para refletir sobre o seu tempo. O conhecimento da arte atravessa o conhecimento poético e posiciona o sujeito a refletir sobre o conhecimento real. Todavia, pensar a relação da arte com o “real” não significa concordar com o conceito aristotélico de que “a arte imita a vida”, porque podemos dizer que uma de suas características não é descrever a materialidade do mundo empírico, mas, talvez, com sua forma demonstrar certos interditos que fogem da normat(l)ização. É, pois, na contemporaneidade que a expressão “arte engajada” se difunde, mas sua proposta de intervenção social é vista desde o século XIX por meio do movimento realista, que buscava democratizar a arte, retratando o cotidiano e a classe trabalhadora, rejeitados pela proposta do classicismo que buscava representar uma sociedade e um sujeito idealizado.

Nesse sentido, a arte é uma manifestação de linguagens que está sempre em movimento, que se dá como um acontecimento vivo. Por isso, ela é uma forte ferramenta de comunicação social e, por ser capaz de problematizar, conscientizar ou denunciar comportamentos e acontecimentos sociais, é coerente usá-la como um escopo para re(x)istência.

A pandemia da Covid-19 apresentou uma série de desafios inesperados e impôs muitas transformações sociais, e os protocolos de higiene e de segurança sanitária passaram a ser os norteadores dessa nova convivência social. Paralelamente ao grande número de vítimas e à crise sanitária instaurada, num cenário de caos e total desesperança, a população foi colocada diante de outro grande conflito: de um lado, a racionalidade científica que incentivava a proteção da saúde de todos os indivíduos e, de outro, um discurso negacionista que parecia minimizar, a todo tempo, a gravidade da doença e das políticas públicas de incentivo contra a disseminação da doença.

Diante de tais fatos, da iminência da morte e da negligência de negacionistas, surgiram movimentos, no campo das artes, contrários aos discursos oficiais ditos por parte do ex-chefe de Estado. A ausência de campanhas oficiais do governo que dialogassem de maneira responsável com a ciência e que promovessem informações importantes para o controle da doença deu lugar a um discurso que boicotava as medidas protetivas. Logo, traçamos, ao longo de todo o nosso percurso, um deslocamento de sentidos da morte promovido pelo memorial *Museu do Isolamento* e analisamos, brevemente, as diferentes inscrições de memórias que, com sua irrupção, fraturam sentidos de evidência sobre a morte e abrem espaço para que outras formas de dizer possam ser (re)inscritas na história.

Para tal, deixamos de considerar as estatísticas como meras representações numéricas para transpô-las ao nível da subjetivação, em que vemos uma amostra do amor de alguém que não conseguiu sobreviver a tempo de ser vacinado, dando traços subjetivos à naturalização dos mortos pela pandemia. Com tais gestos interpretativos, buscamos analisar a construção dos efeitos gerados nesse memorial que destoa do imaginário tradicional sobre o morrer, exaltando características antes nunca trabalhadas num ambiente artístico, como forma de re(x)istir ao horror da morte e à naturalização, caindo, possivelmente, no “esquecimento”. O morrer, nessa perspectiva ressignificada, deixa de ser apenas um conjunto de cifras dispersas em vetores, colocados como forma de representação de uma crise *pandemônica* sem precedentes, e o desloca para outras instâncias enunciativas, ligadas ao não esquecimento e à necessidade de lembrar.

Diante de tais questões, só nos resta lamentar a negligência do ex-chefe de Estado que a todo custo minimizou as mortes e não investiu em políticas públicas

no combate ao vírus, banalizando quaisquer formas de controle que fomentaram, infelizmente, mais vítimas a cada novo dia. Por conseguinte, o memorial em análise possibilitou, também, pensarmos sobre os sentidos deslocados que servem, por meio da arte, como rompimento dos efeitos de evidência ideológica e de naturalização dos números, promovendo por meio das redes um campo do simbólico sensível que re(x)iste ao (dis)curso normatizado promovido pelos órgãos oficiais e vivifica as mortes do país, exaltando as singularidades dos entes queridos por meio de memórias publicizadas na malha do digital.

Nosso trabalho não tem como objetivo finalizar tais questões problematizadas com essa “tecnologização dos discursos”; pelo contrário, vemos como essas redes têm grande potencial para romper, também, certos imaginários sociais que colocam em grande parte discursos dos “poderosos” como “donos” de uma “verdade”. Tal forma de representação da arte no/pelo discurso reflete que essas novas instâncias enunciativas podem, ainda, ser utilizadas para compreender as descontinuidades de uma sociedade cada vez mais corrosiva e que naturaliza, facilmente, fatos que não deveriam cair no esquecimento.

Ao observarmos a pandemia da Covid-19 de maneira discursiva, em especial observando as (res)significações da morte e do luto, e tratá-las como um acontecimento na história é, de fato, tentarmos compreender, minimamente, as novas redes de filiações e de circulação de discursos que irrompem em distintos lugares de circulação, compondo diferentes materialidades que reescrevem a nossa história, que é de re(x)istência. Eis aqui nossa forma de re(x)istência.

ECHOES AND DISSONANCES IN THE (DIS)COURSE ON THE COVID-19 PANDEMIC: THE POETIC AND THE GROTESQUE IN THE RELATIONSHIP WITH THE DIGITAL

Abstract: This article examines the impact of social networks on the construction of meanings around the Covid-19 pandemic in Brazil in 2020 and 2021. More specifically, our objective is to analyze the virtual memorial @museudoisolamento on Instagram, observing in its emergence the forms of resignification of death and mourning generated in the face of a context of instability and of Brazilian political crisis. Through French discourse analysis, we seek to understand how this memorial became a significant linguistic event, in which it brought new senses of uniqueness, giving voice, body, and meaning to the mourners, contrary to cold statistics and official numbers.

Keywords: Discourse. Digital. Memorial. Pandemic. Instagram.

REFERÊNCIAS

- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010.
- SATIE, A. Brasil bate recorde e registra 4.195 mortes por Covid-19 em 24 horas. *CNN Brasil*, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-no-brasil-6-4-2021/>. Acesso em: 26 set. 2023.